

Nova Iorque chamando

TRADUÇÃO



Central Park, Times Square, Liberty Statue e Brooklyn Bridge (montagem).

Marshall Berman

Professor de Pensamento Político e Urbanismo do The City College of New York/ City University of New York (CCNY/CUNY). Autor, entre outros livros, de *Um século em Nova York*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Nova Iorque chamando*

Marshall Berman

Tradução: João Bosco Ferreira Brandão**

Sheyla Castro Diniz***



O espírito só é essa potência enquanto encara diretamente o negativo e se coloca junto a ele. Esse colocar-se é o poder mágico que converte o negativo em ser.

Hegel, prefácio de *A fenomenologia do espírito* (1807)

*Minha cidade está em ruínas / Minha cidade está em ruínas
Vamos, levante-se! / Vamos, levante-se! / Levante-se!*

Bruce Springsteen, "My city of ruins", CD *The Rising* (2002)

* N. T.: Este artigo foi originalmente publicado na revista *Dissent* (disponível em <<http://www.dissentmagazine.org/article/?article=943>>), fall (october), Foundation for the Study of Independence Social Ideas/University of Pennsylvania Press 2007, mesmo ano do lançamento da obra *New York Calling: from Blackout to Bloomberg*, editada por Marshall Berman e pelo jornalista e fotógrafo Brian Berger. Trata-se de uma coleção de 28 crônicas escritas por diferentes personalidades ligadas de algum modo à cidade e com mais de 200 fotografias. O livro propicia uma viagem temporal; percorre 30 anos de história, mostrando Nova Iorque como era e como é atualmente. De acordo com matérias publicadas pelo *New York Times*, essas crônicas nos descortinam a dimensão do caráter, a extensão da mudança e o peso da personalidade dessa cidade.

** Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

*** Graduanda em Ciências Sociais e Música pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Quando eu era criança, há mais ou menos sessenta anos, a estação de rádio pública da cidade de Nova Iorque, a WNYC, tinha um anúncio maravilhoso que era transmitido de hora em hora: "Esta é a estação WNYC, cidade de Nova Iorque, onde sete milhões de pessoas (em algum momento no início dos anos 1960 esse número passou para oito milhões) vivem em paz e harmonia, curtindo os benefícios da democracia." Essa frase me inspirava; agora percebo que ela formou a minha primeira idéia a respeito de Nova Iorque.

Meus pais eram muito pobres para terem freqüentado uma faculdade, mas sua linguagem era rica em idéias. Nós passamos muitos fins-de-semana explorando as grandes estruturas físicas de Nova Iorque — o Porto (que continuou a crescer durante toda a minha infância), a Estátua da Liberdade, os prédios notáveis, Times Square, Penn Station e Grand Central Station, o Central Park e a Ponte do Brooklyn. Nós aprendemos a amá-las e também a observar o esforço humano que foi utilizado para colocá-las de pé. Olhando do convés de um *ferryboat* ou do topo de um arranha-céu, nós exclamávamos: "Nossa!" Então minha mãe dizia algo como: "Não é lindo? E não se esqueça que você pode chegar aqui de metrô." E meu pai acrescentava: "E não se esqueça de quem o construiu." Quem? Eu perguntava. Logo eu saberia a resposta: "Pessoas de

quem nunca ouvimos falar, que quase morreram de tanto trabalhar.” Foi somente mais tarde que eu percebi que falavam de pessoas como eles, que se matavam de trabalhar. Meus pais tinham orgulho da cidade que pessoas anônimas e exploradas como eles haviam construído. Todo o sofrimento enfrentado perdia a importância perante o orgulho de fazer parte da “maior cidade do mundo”. A mensagem que vinha pelo ar era uma melodia que eles usavam para dançar. A Nova Iorque que [-eles=] esperavam nos deixar era a da verdadeira comunidade, um lugar onde a tristeza daqueles que viviam na solidão — e havia muita gente nessas condições — poderia ser derrotada pela glória e a harmonia do todo.

Quando saí de Nova Iorque no início dos anos 1960 para fazer uma pós-graduação na Inglaterra, eu podia ouvir a mensagem até mesmo quando o meu navio, o S. S. United States, estava bem longe, no mar. Ao voltar, no final da mesma década, para ensinar no City College e na City University of New York Graduate School, a mensagem havia desaparecido. Ninguém se lembrava de quando ela havia cessado ou mesmo o motivo. E nada poderia trazê-la de volta.

Naquele momento eu não tinha idéia de quão distante tinha ficado minha cidade de sonhos e de quanto mais ela iria se despedaçar. Mas de fato, dia após dia, ano após ano, por mais de trinta anos, fomos bombardeados por visões de nossa cidade se despedaçando e desmoronando. “A desintegração de Nova Iorque” tornou-se um clichê da mídia, baseado, contudo, na vida real. De 1968 até o início dos anos oitenta, milhares de prédios foram literalmente destruídos em incêndios, e os populosos e animados bairros que existiam por toda a cidade se transformaram em grandes ruínas. Desde o começo dos anos 1960 até o início da década de 1990, o número de pessoas assassinadas quase quintuplicou: dos aproximadamente 500 homicídios anuais para mais de 2.400 durante o pico das guerras do *crack*. Ninguém documentou quantas crianças perderam então suas vidas, porém qualquer um que trabalhasse com elas percebia essa situação. A certa altura, em meados dos anos 1980, criei o termo “urbicídio”, que significa “o assassinato de uma cidade”. Será que eu esperava que, dando um nome para aquela situação, ela cessaria? Mas ela continuou. Os ataques de 11 de setembro de 2001 foram o clímax de uma grande onda — é assim que os historiadores chamam essas coisas — que estava quebrando e nos esmagando por anos.

As ruínas de Nova Iorque foram grandiosos espetáculos para uma geração. Enquanto muitos prédios velhos e sujos começaram a ruir, seus proprietários passaram a ter seus pedidos de empréstimo condicionados aos critérios de uma política ou linha de concessão de crédito conhecida por *redline* — uma palavra constante na década de 1970. Assim, aqueles que estavam do lado errado da linha, como a maioria estava, não conseguiam empréstimos bancários para reformar seus imóveis. Os prédios rapidamente caíam aos pedaços, e seus proprietários foram perdendo a esperança por sentirem que seus imóveis valiam mais no chão do que de pé. O resultado foi um grande e exagerado “boom” nos incêndios premeditados, com muitas pessoas — especialmente crianças e idosos — mortos pelo fogo. Durante toda aquela época isso ocorreu em dezenas de regiões. Os maiores incêndios provocados aconteceram no South Bronx, lugar não distante de onde eu cresci.

No princípio dos anos 1980, estava terminando um livro sobre o que significava ser moderno. Todavia, eu não poderia terminá-lo sem antes retornar ao local onde me criara. Então voltei. A casa em que cresci ainda se achava lá, mas o quarteirão em frente tinha se queimado, desmoronado e finalmente afundado no pântano no qual as casas da vizinhança inteira haviam sido construídas. Eu passei muitas tardes solitárias vagando pelas ruínas. O que estava procurando? Encontrei pessoas que vagavam como eu (e equipes cinematográficas) de países que fazia pouco tempo também tinham conhecido suas próprias e gigantes cas ruínas: Alemanha, Polônia, Japão. Eu conheci fotógrafos e cineastas estadunidenses tão obcecados quanto eu.

Essas ruínas estavam ali, quarteirão após quarteirão, milha após milha, ano após ano. Alguns quarteirões pareciam quase intactos, ainda habitados, no entanto logo ali na esquina, não existia mais esquina. Os anos de incêndios criaram um novo vocabulário e uma nova iconografia. As labaredas urbanas produziam ótimos efeitos visuais — horizontes iluminados por chamas flamejantes, prédios em diferentes estágios de desintegração, estrados de camas, mesas, aparelhos de TV, pedaços de roupas (principalmente roupas de crianças), o entulho e os escombros das vidas das pessoas. Por vários anos o *New York Times* publicou uma coluna que continha os endereços dos prédios destruídos na noite ou no dia anterior. Não somente eu, mas muitas pessoas que eu conhecia liam sempre em primeiro lugar aquela coluna, mesmo antes das novidades do beisebol. Será que nossos antigos lares estariam ali?

Algumas vezes essas imagens ajudavam a criar empatia e solidariedade: esses fragmentos despedaçados das vidas daquelas pessoas poderiam ter sido os nossos. As imagens eram às vezes usadas para dar fundamento a um dos maiores clichês da mídia nos anos 1970: as pessoas pobres de Nova Iorque estavam infligindo aquela destruição sobre si mesmas. Muitas autoridades insistiam na idéia de que as vítimas dos incêndios eram também seus causadores; portanto não mereciam solidariedade ou qualquer tipo de ajuda de emergência. Uma metáfora típica: as vítimas dos incêndios estão “*fouling their own nests*” (estragando/desmanchando seus próprios ninhos). O fato mais triste relacionado a esse discurso tipo “culpe a vítima” foi que muitas das verdadeiras vítimas — incluindo muitos de meus alunos e seus pais — realmente passaram a assumir a culpa, quando a única coisa pela qual poderiam ser consideradas culpadas era de estarem lá.

Depois de observar a vida em Nova Iorque se desfiar por anos e anos, não me surpreendi pela quase falência bancária de 1975–1976. E o fato de ter percebido o que iria acontecer não tornou mais fácil a situação de refém frente a pessoas que se orgulhavam de ter ódio por nós. Pela primeira vez desde o auge da Guerra do Vietnã, eu voltei a assistir ao noticiário nacional na TV. Um clipe mostrava então um político retornando a seu bairro natal e perguntando a seus eleitores o que deveria ser feito a respeito de Nova Iorque. Havia, à época, um padrão de discurso ríspido, e os noticiários eram capazes de encontrar vários interessados em proferi-lo, freqüentemente enquanto erguiam seus punhos e faziam caretas para a câmera: Nova Iorque é um parasita, não contribui em nada para a América, é barulhenta e suja, cheia de estrangeiros e sexo degradante, todo tipo de pecado, hippies e homossexuais e comu-

nistas degenerados, uma mancha sobre os Estados Unidos, e agora Deus deu a chance para nos levantarmos e acabarmos com Nova Iorque para sempre, deixá-la escorrer pelo ralo! Durante o noticiário televisivo foi possível ainda assistir ao político de um distrito — mantido totalmente por dinheiro federal, com uma base naval e um estaleiro — perguntar a seus eleitores: “Nova Iorque deve viver ou morrer?” Eles levantaram-se, sorriram largamente uns para os outros como as turbas em fotos clássicas de linchamento e gritaram: “Morrer! Morrer! Morrer! Morrer!”

Trinta anos se passaram e ainda assim aqueles gritos soam fortes em meus ouvidos. Seu poder primitivo me faz pensar: isto realmente aconteceu ou será que imaginei? Ou será que sonhei? Talvez ambas as coisas.

Aquele foi o ano do discurso “*drop dead*” (que morra!) de Gerald Ford. Ele de fato nunca disse nada tão honesto quanto aquilo. Ford declarou simplesmente que iria vetar qualquer plano de ajuda do Congresso, porque “o povo americano” não se preocupava com o destino de Nova Iorque. “*Ford to city: drop dead*”¹ foi a frase de impacto utilizada na edição do *New York Daily News*. Uma foto mostrava o prefeito Abe Beame lendo as manchetes nos degraus do prédio da prefeitura. Ele exibia a página, com a feição tanto ferida quanto desafiadora. Não importava o que o governo federal planejasse realizar; nós não cairíamos facilmente. Foi o momento de glória de Beame: por um instante ele pareceu com John Garfield no final do filme *Body and soul* — ou da maneira com que Garfield deveria ter parecido se tivesse sobrevivido. Rodeado por idiotas, doidos para acabar com ele, esnobou-os dizendo: “O que você vai fazer? Me matar? Todos vamos morrer”.

“*Ford to city: drop dead*” é uma das mais impactantes manchetes de jornal de todos os tempos. Transformou-se também em uma incrível força conscientizadora e ajudou a cidade a conseguir o auxílio de que precisava. Eu imaginei que isso aconteceria: os bilionários no GOP² canalizariam para o Partido Republicano o discurso de que todos os mercados se integravam — a palavra-chave hoje seria “globalizavam” —, e isso esmagaria a maior cidade e a economia mais poderosa do país, o que poderia facilmente surtir efeito contra eles. Aqueles bilionários eram donos do GOP, bem como do mundo, e eu sabia que a Casa Branca cederia e liberaria os empréstimos federais (a juros exorbitantes, é claro) de que Nova Iorque necessitava para pagar seus credores. Sabia que a cidade conseguiria algo, como ela realmente conseguiu: uma Diretoria de Controle Financeiro Emergencial (DCFE), e esta voltaria aos mercados de crédito rapidamente.

A DCFE realmente acabou sendo melhor do que eu pensei: era dirigida por Felix Rohatyn, um financista que ao mesmo tempo era um liberal democrata e que tinha a naturalidade de admitir: “Nós conseguimos equilibrar as contas nas costas dos mais pobres.” Eu sabia que nós retomariamos os negócios como costumeiramente fazemos e, mais, que o discurso de Ford o atrapalharia nas eleições de 1976³: havia muitas pessoas que compartilhavam seu ponto de vista em relação ao mundo, porém, apesar disso, a tranquilidade com que falou em acabar com Nova Iorque revelou uma perigosa falta de capacidade de julgamento. Eu fiz o possível para mostrar isso aos meus alunos; eles perceberam que aquilo não era o fim do mundo e relaxaram um pouco. Ainda assim doía sentir todo aquele ódio que pairava no ar.

¹ N. T.: Algo como “Ford diz dane-se à cidade”. A manchete foi publicada em 1975, quando o então presidente estadunidense Gerald Ford anunciou que não absolveria Nova Iorque de suas dívidas, justamente no momento em que a metrópole vivia a pior fase de uma crise fiscal.

² N. T.: A sigla GOP significa *Grand Old Party* (Grande Partido Antigo), apelido do Partido Republicano dos Estados Unidos.

³ N. T.: O discurso *drop dead* teria jogado papel decisivo para que os nova-iorquinos não votassem em Ford na eleição presidencial de 1976. No Estado de Nova Iorque registrou-se a vitória do democrata Jimmy Carter.

Em alguns momentos, em meados dos anos 1970 e de seu show de horrores, aconteceram finais felizes surpreendentes. Durante essa década Nova Iorque perdeu aproximadamente 2.000 prédios por ano para os incêndios; as maiores perdas ocorreram no Bronx. Os incêndios apareciam como uma força inexorável; a cada ano, eles atingiram mais e mais os respeitáveis vizinhos. Por que essas pessoas iriam destruir seu próprio mundo? Havia uma especulação sem fim, subvenções fundacionais, conferências. Ninguém realmente entendia o que vinha se verificando. A explicação dada pela esquerda foi brutalmente simples: os proprietários foram os responsáveis (com incêndios premeditados), e eles fizeram isso pelo dinheiro (seguro contra incêndio). Em meio a isso tudo, surgiu uma aliança incomum entre o Corpo de Bombeiros, a indústria de seguros e a Nova Esquerda.

A força-tarefa municipal responsável pela apuração dos incêndios criminosos, criada por John Lindsay, era a agência mais radical na prefeitura. Em seus relatórios havia menção a coisas tais como os chamados “aceleradores de incêndios” (produtos químicos que o Corpo de Bombeiros de Nova Iorque encontrou em cerca de 90 por cento dos prédios incendiados) e a “ecologia do fogo” (que limitava os estragos se alguém chegasse em dez minutos, contudo devastaria um quarteirão inteiro se ninguém aparecesse dentro de meia hora). Constatou-se, sem a menor dúvida, que incêndios estavam sendo premeditados.

Enquanto isso, as grandes seguradoras, após sofrerem tremendas perdas, decidiram que aquilo fora o suficiente e resolveram parar de pagar os prêmios referentes aos prédios incendiados. Como que por encanto, os incêndios pararam. No último ano em que o seguro contra incêndios vigorou, o Bronx perdeu aproximadamente 1.300 prédios; já no primeiro ano sem ele, o bairro perdeu apenas doze edificações. Sem dinheiro, sem incêndios — a explicação simples e crua era essa. Incrível! Além disso, a esquerda nova-iorquina tinha ganhado alguma coisa. Foi realmente uma vitória defensiva e limitada, impedindo que algo horrível acontecesse em vez de começar algo novo. Porém acabar com os incêndios implicou verdadeiras e importantes diferenças para a vida de muitas pessoas e ainda tornou possível que elas continuassem vivendo.

Nesse ínterim, o sul do Bronx, em seu momento de maior miséria e angústia, gerou uma cultura de massa chamada *hip-hop*, que hoje está presente no mundo inteiro. Ninguém nos anos 1970 imaginaria que um fenômeno do gênero fosse viável. Naqueles dias, os jovens daquelas vizinhanças criaram porque tinham que criar; eles não tinham como evitar, eles não tinham como parar. O Bronx, acima de tudo, converteu-se num espaço mais culturalmente criativo do que nunca. Em meio à sua própria morte, ele renasceu.

Você poderia dizer que tudo começou nos metrô. Naquela época eles eram mais deprimentes e mais assustadores do que em qualquer outro período de sua história. As estações viviam cheias de bancos quebrados — era impossível sentar —, soquetes vazios e locais sombrios. Os vagões eram velhos, pintados de cinza e descascando; muitos tinham sido recolhidos de um armazém (quando um carregamento de novos vagões que havia chegado foi considerado perigoso, e eles tiveram de ser retirados rapidamente). De repente, centenas de trens estavam tomados de grafites feitos com *sprays*, saturados com cores luminosas, desenhos

vívidos e exuberantes. Os grafiteiros, que geralmente trabalhavam em grupos, gostavam de se identificar e ser reconhecidos. Boa parcela deles era formada por adolescentes negros e latinos, a maioria garotos, embora alguns dos melhores grafites fossem feitos por umas poucas garotas. Eles vieram de toda a cidade, embora a maior parte procedesse do South Bronx. Foram insistentemente denunciados por políticos e pela mídia e repetidamente presos. Cheguei a ouvir um sociólogo neoconservador, um militante da guerra fria, dizer que sentia inveja da URSS, onde não havia “essa besteira de Primeira Emenda” e onde o Estado podia simplesmente prender em massa garotos como esses e enviá-los para campos de trabalho forçados. Graças a “essa besteira de Primeira Emenda”, os grafiteiros de Nova Iorque tinham espaço suficiente para respirar e criar uma nova e exuberante linguagem visual.

Dois dos melhores grafiteiros morreram jovens: o pintor Jean-Michel Basquiat (1960–1988), conhecido inicialmente por sua arte de rua sob o pseudônimo SAMO⁴, e o muralista Keith Haring (1956–1990), cujos primeiros trabalhos foram realizados em espaços cavernosos da estação de metrô da Times Square. Porém a grande maioria sobreviveu e ainda está aqui. Muitos alcançaram o sucesso com a pintura, a animação, o teatro, a moda e com *video design*. Observando suas histórias de vida, podemos ver que os anos em que se envolveram com o grafite serviram como os passos iniciais em uma escada ascendente, dando mostras de sua criatividade em encontrar mercados para eles mesmos. Mas quando os grafiteiros do Bronx começaram, eles tinham em mente mais do que a idéia de autopromoção: eles se viam como cidadãos e insistiam no significado público e cívico de seu trabalho. Existia, sim, um desejo compartilhado de sair de seus bairros (o que muitos já estavam fazendo) e de se comunicar com um público maior. O espírito cívico os lançou em um conflito brutal, desgastante, material e humanamente destrutivo, com uma autoridade de transportes metropolitana arrogante e inconsciente. Mais tarde alguns desses garotos conseguiram ganhar dinheiro. Eles conquistaram destaque dentro do setor privado. Contudo, é crucial lembrarmos que atrás desse sucesso em âmbito privado havia uma falha do poder público. E essa falha não foi dos garotos.

Com os grafiteiros de Nova Iorque — às vezes eram as mesmas pessoas —, surgiu ainda a primeira geração de *rappers*. Nos mais pobres distritos eleitorais nos Estados Unidos, o *rap* era um exemplo de *musica povera*. Assim como muitas coisas, o *rap* se originou no metrô, com um garoto maltrapilho e magricela e o reforço de pequenas caixas de som com uma bateria eletrônica, contando a história da sua vida. No final dos anos 1970, em minha escola, City College of New York, durante o Club Hour nas terças-feiras, alguém trazia os toca-discos e um DJ fazia mixagens de dúzias de discos ao mesmo tempo, enquanto os garotos se revezavam como MCs, com um microfone em punho e criando *raps* naquele instante. (Alguns professores também faziam *raps*; eu adoraria conseguir fazer, mas tinha problemas com a criação de rimas). Eu estava encantado. Era o poder da palavra em ação, algo que eu sempre havia tentado ensinar. No final da década, o *rap* se espalhava por todos os lugares com a sua nova linguagem. Em meio a isso, um grupo de excelentes DJs veio do South Bronx. Eles competiam em dúzias de pequenos clubes, parques, ginásios e auditórios de escolas secundaristas, com mi-

⁴ N. T.: Basquiat assinava “SAMO” ou “SAMO shit” — abreviatura de *same old shit*; traduzindo: a mesma merda de sempre.

lhares de jovens ouvintes e com ativos participantes. Juntos, eles criaram um *rap* diferente com samples, batidas e rimas. Aquele som prevalece e talvez hoje defina o mundo.

Com o passar do tempo haverá mais para se falar sobre o *rap*. Agora, no entanto, eu só quero dizer uma coisa. “The message” (1982), do grupo Grandmaster Flash and the Furious Five, o primeiro *rap* a obter sucesso internacional, tem uma quadrinha provocativa que está inteiramente conectada com o meu tema. As pessoas normalmente não prestam atenção nela, que parece cair do céu: *They pushed a girl in front of a train/ took her to the doctor, sewed her arm on again/ stabbed a man right through the heart/ gave him a transplant and a brand new start* (Eles empurraram a garota na frente do trem/ a levaram para o médico, serraram seu braço./ esfaquearam um homem no coração/ fizeram um transplante e lhe deram uma nova chance).

Hegel sustenta que o “espírito só é essa potência enquanto encara diretamente o negativo e se coloca junto a ele. Esse colocar-se é o poder mágico que converte o negativo em ser.” Bem, esta é a mensagem. Na Nova Iorque dos anos 1970, isso significava que a desintegração social e o desespero existencial poderiam servir de fontes de vida e de renovação criativa. Uma geração inteira de garotos e garotas dos piores bairros dos Estados Unidos escapou da pobreza, da violência e do isolamento dos guetos tornando-se sofisticados nova-iorquinos com largos horizontes. Como a banda Clash, que em seu álbum *London Calling*, de 1979, afirmava que “*London is drowning, I live by the river*” (Londres está afundando, e eu moro perto do rio), esses garotos e garotas do Bronx diriam ao mundo mais do que isso: “*we come from ruins, but we are not ruined*” (nós viemos das ruínas, mas não estamos arruinados), e “*we shall overcome.*” (nós vamos conseguir). Suas vozes se converteram na voz do *New York Calling*. Sua capacidade de buscar pela espiritualidade em meio ao horror deu à cidade uma nova aura.

Hoje Nova Iorque parece um lugar muito diferente. Passou por um espetacular crescimento populacional: pode atingir nove milhões de habitantes em 2010. Está cada vez mais saturada de imigrantes, mais diferenciada etnicamente e mais multicultural do que jamais esteve, parece mais um microcosmo do mundo — e, graças à distinta configuração de seu espaço público, pode-se ver o mundo caminhando ao seu lado pelas ruas. Seu estilo de multiculturalismo é sexy e ameaçador tudo o que existe de ultra-ortodoxo em todas as religiões. O verão em Nova Iorque é quente e úmido — é verão enquanto eu escrevo este artigo —, mas perfeito para aproximar as pessoas e para observá-las. Olhe para as cores e a tez de homens e mulheres (caminhando de mãos dadas pela Upper Broadway, no Queens Boulevard, no King’s Plaza) e dos bebês que eles empurram em seus carrinhos: cores nunca vistas sob o sol. E a sensualidade de hoje coexiste com a segurança. Durante a última década, não somente os homicídios, como todos os índices relacionados a crimes violentos despencaram. O quadro de violência, delineado no final dos anos 1950 e que por décadas parecia imutável, foi revertido. Nossa ansiedade compartilhada sobre a política mundial convive com um extraordinário senso de segurança que faz parte de nosso dia-a-dia. Nós voltamos à média de 600 homicídios por ano; um quarto deste número tem origem na guerra do *crack* do início da década de 1990. Quem sabe o que fez isso

acontecer ou por quanto tempo esta situação perdurará? Ninguém sabe. Todavia, algo que nunca imaginei está acontecendo: nós temos agora uma vida metropolitana com um nível de medo que vem cedendo. Alguns dizem que a vida sem medo perde sua graça. Eu digo para eles não se preocuparem, pois, se analisarem suas vidas por qualquer perspectiva, encontrarão assuntos mais do que suficientes para mantê-los acordados. E, se eles estiverem acordados, devem fazer uma caminhada à meia-noite.

Enquanto isso, aquele imenso cenário expressionista já tinha quase todo se esvaído. Eu amo o zoológico do Bronx, porém por vários anos deixei de visitá-lo porque eu não suportava a idéia de trafegar a “E1”⁵ por entre os destroços. Finalmente, no início dos anos 2000, eu resolvi encarar a realidade. A turma de meu filho Danny faria um passeio escolar e precisava do acompanhamento de pais. Naquele dia de primavera eu não estava trabalhando; assim, não podia dizer não. À medida que adentrávamos mais e mais no Bronx, eu me preparei para o pior. Levantei-me, estiquei meu pescoço, e as ruínas haviam desaparecido. Em seu lugar estavam prédios comuns, carros estacionados, crianças em suas bicicletas, caminhões descarregando coisas, bebês e suas mães, pessoas entrando e saindo de ônibus, idosos jogando cartas — toda a loucura de uma cidade moderna. Virei-me para os professores que estavam no trem comigo e comentei: “Parece uma cidade comum!” Eles retrucaram: “Bem, mas o Bronx não é uma cidade comum?” Esses professores eram jovens, ainda nos seus vinte anos; quando o Bronx queimava, muitos deles sequer tinham nascido. Agora parecia algo simples — e, ainda assim, um milagre.

E o resto da cidade? O centro está mais cheio de gente, também mais multinacional e multicultural, mais como um verdadeiro microcosmo do mundo. Os grandes prédios de escritórios estão cheios de trabalhadores da Índia, Rússia, China, Japão. Há um grande fluxo de turistas, hospedando-se em grande quantidade nos novos hotéis. Muitos nova-iorquinos não são favoráveis à sua presença, mas esta é a maior cidade do mundo e todos querem estar aqui.

Sempre gostei de conversar com estranhos nas ruas, principalmente perto do Times Square; isso faz parte da minha vida. Eu pergunto aonde as pessoas estão indo e se elas precisam de ajuda. Uma coisa que ouvi recentemente de muitas pessoas é que elas não vão a nenhum lugar em especial. Simplesmente caminham pelas ruas; afirmam que gostam de mostrá-las a seus filhos e que amam as ruas de Nova Iorque “porque elas são muito realistas.” Eu concordo com elas e fico feliz que a vejam dessa forma e apreciem esse aspecto. São como todos os americanos que após o 11 de setembro de 2001 expressaram sua generosidade e deixaram que seus representantes no Congresso soubessem que elas se importavam de fato com a cidade. Ora, tamanho apreço e gentileza são realmente muito diferentes das más vibrações que nos rodeavam há apenas trinta anos. Nós mudamos? Acho que não. Eles mudaram? Acho que mudaram muito mais.

Nos últimos quarenta anos os Estados Unidos está repleto de imigrantes (após ficar fechado durante quarenta anos), e as pessoas pelo país andam menos assustadas com a diversidade humana: demograficamente, o resto do país tem se tornado cada vez mais parecido com

⁵ N. T.: “E1” é uma ramificação da linha Seventh Avenue do metrô de Nova Iorque.

⁶ N. T.: Bowery é o nome de uma rua e um pequeno bairro na região sul de Manhattan, em Nova Iorque.

⁷ N. T.: O CBGB era um clube musical localizado em Manhattan. O nome completo é CBGB & OMFUG, que significa Country, Bluegrass, and Blues and Other Music for Uplifting Gormandizers.

Nova Iorque. Ao mesmo tempo, ambientalmente, os Estados Unidos tem se tornado mais e mais uma cultura suburbana automobilística, sem ruas ou lugares onde as pessoas possam caminhar e ter experiências ao acaso, além de interagir com estranhos. O ambiente em Nova Iorque é diferente: se você olha para o topo dos prédios, percebe que tudo está novinho em folha; contudo, ao nível das ruas, possui uns duzentos anos, enraizado na Paris e na Londres do Iluminismo. Ele se mantém vivo e alimenta a aura intensamente interativa da rua moderna — um espaço onde as pessoas podiam se encontrar consigo mesmas e com os outros, e em que, numa caminhada pelo quarteirão, experimentavam a proximidade tanto de um bordel quanto de uma santa comunhão. Hoje, é provável que mesmo as pessoas ricas e famosas vivam suas vidas famintas das energias vitais com as quais qualquer nova-iorquino comum pode se saciar em suas ruas.

Comparados com Nova Iorque, os ambientes nos quais a maioria dos americanos cresceu parece irreal. Na geração passada, muita gente sentiu isso e aprendeu a amar nossa cidade pelo que ela é e pelo que seus subúrbios não eram. Será que os nova-iorquinos sabem como é precioso e raro ser amado pelo que você é? Nós devemos curtir o momento enquanto ele está acontecendo.

Mas as ironias crescem com os prédios. Existe um preço a ser pago por esse amor — simplesmente porque o mundo inteiro quer estar em Nova Iorque, e a cidade passou a ser um lugar caríssimo para se estar. Isso parece acompanhar a idéia de “cidade global”, junto com Londres, Paris, Tóquio, Rio de Janeiro, Los Angeles, Washington D.C. e algumas mais — é um pequeno clube; e, para uma cidade global, no final das contas Nova Iorque é barata. Os jornais mostram artigos sobre a frenética construção de luxuosas habitações em Manhattan: tantas igrejas fizeram milagres modernos, transformando *air rights* em minas de ouro. Muitas sedes de empresas estão aqui como estavam nos anos 1990. As pessoas que trabalharam durante os anos mais negros estão sendo esmagadas pelo seu próprio sucesso. Enquanto elas vêm suas ruas na primeira página da seção de imóveis, sentem-se tanto inchados de orgulho quanto tomados pelo medo.

Uma das primeiras fontes de orgulho de Nova Iorque, por pelo menos um século, consiste na superabundância de pequenas livrarias, lojas de música e arte que têm feito muito para manter a vida cultural da cidade em contato com a rua. Esses pequenos palácios de cultura têm nutrido e enriquecido o senso de lugar da cidade, permitindo aos nova-iorquinos se sentirem cidadãos das ruas e do mundo. Mas, em um crescente mercado imobiliário, todos eles estão na linha de fogo. Seu sucesso em aproximar as pessoas encoraja freqüentemente os senhorios a aumentar os aluguéis que irão condená-los. Todo mês, parece que outra querida lojinha cultural é forçada a fechar suas portas, e, desse modo, milhares de nova-iorquinos se sentem mais vulneráveis e solitários. Você poderia até dizer que para qualquer morador de Nova Iorque nos anos 2000, o sentimento de se encontrar nessa linha de fogo se mistura com a idéia de estar em casa.

Há dois ou três anos, vi a manchete *The Bowery lives again* (O Bowery⁶ vive de novo) e eu percebi rapidamente que meu local favorito no Bowery, o Clube de Punk Rock (CBGB)⁷, estava condenado. Era uma

das vozes mais livres de Nova Iorque em seus piores dias. Ele alimentou uma incrível geração de roqueiros e tinha uma grande audiência. Sobreviveu altivamente ao *crash* (ruína), mas sobreviveria à explosão em curso? Em 16 de outubro de 2006, as notícias eram de que o clube havia fechado. O proprietário não era verdadeiramente um “tubarão do ramo imobiliário”, e sim uma agência que auxiliava os sem-teto. Patti Smith tocou em seu adeus. Ela disse que o fechamento era “um sintoma da prosperidade vazia de nossa cidade”. E acrescentou: “Existem garotos com novas idéias em todos os lugares do mundo. Eles inventarão seus próprios lugares, seja aqui ou em qualquer lugar.” Além disso, declarou ao *New York Times*: “A internet será a CBGB destes jovens.” Será que Smith está pronta para renunciar a lugares reais em favor do mundo virtual? Pode ela ou qualquer um se “apossar” da internet? Quem viver, verá.

Se eu fosse quarenta anos mais jovem e desejasse conhecer Nova Iorque, com muita inteligência e imaginação, mas com pouco capital, será que eu poderia ir? Bem, sim e não. Seria impossível para mim viver no Upper West Side⁸ ou em qualquer outro lugar em Manhattan. Muitos poucos de nós poderíamos estar vivendo no West Side se tivéssemos que pagar os preços de mercado. Esta é a má notícia. A boa notícia é que a jovem geração atual aprendeu a explorar a cidade como um todo, com zelo, energia e sabedoria que a minha geração, obcecada somente por Manhattan, jamais sonhou. Eles não tiveram a deliciosa experiência de viver em Manhattan em sua juventude, e eu não posso culpá-los se eles estão loucos; eu também estaria se estivesse no seu lugar. Mesmo assim, eles ainda podem chegar aqui de metrô, e eles vêm. Enquanto isso, a Nova Iorque deles está mais cheia do que a nossa; eles abriram um horizonte urbano muito mais largo do que qualquer coisa que nós pudéssemos imaginar. É incrível, na Nova Iorque deles existem muito mais coisas.

Na primavera de 2006, fiz uma palestra no Hispanic Cultural Center em Mott Haven, no sul do Bronx, em um pequeno prédio de tijolinhos, logo atrás da gigante letra “H” em neon do History Channel. Nos anos 1970 e 1980, essa construção havia sido reduzida a escombros; em 2000 ainda passava por um processo de reconstrução. A geração de jovens que criou novos centros como esse está deixando a sua marca na história e ainda fazendo com que o nome oficial da cidade pós-1898, Greater New York, realmente signifique alguma coisa. Eles estão reinventando o imenso horizonte de Nova Iorque, sua capacidade de incluir o mundo inteiro, mas também se confrontando com a vulnerabilidade e a fragilidade interior da cidade. Estão “encarando diretamente o negativo e se colocando junto a ele, convertendo o negativo em ser”. Ao não negar as ruínas, tornam possível o renascer. A voz deles é a mais autêntica do New York Calling nestes tempos.



Publicação e tradução autorizadas pelo autor em julho de 2008.

⁸ N.T.: Upper West Side é um bairro do distrito de Manhattan, a oeste do Central Park e rico em cultura cosmopolita, com espírito intelectual e politicamente liberal. Nele estão o Lincoln Center of the Performing Arts, o Museu de História Natural, o Rose Center for Earth and Space e a Universidade de Columbia.